

ENTREVISTA COM ÁLVARO RONCONI *

EGON: Álvaro, como você está vendo esta questão da terra dos Uru-eu-wau-wau, principalmente no sentido de que já existem estas estradas entrando, derrubadas sendo feitas, como podemos constatar nesta entrada de hoje?

ÁLVARO: Acho que ali há um risco, que o colono deveria respeitar, e que sempre a gente deve respeitar a colônia indígena, porque é terra deles.

Acho também que o INCRA deveria arrumar um meio de resolver o problema junto à FUNAI, porque se não for os dois órgãos se unir e tirar esse pessoal, porque tem como tirar, a situação ali só vai piorar. Acho que deveria tirar esse pessoal, ou resolver o problema de algum outro modo, porque pode acontecer de morrer mais gente, como já tem acontecido.

Conheço aí desde 1980, quando começou os problemas. Antes já haviam problemas, mas nunca deu em morte. E agora, de 1980 pra cá, começou a morrer gente e vai acontecer mais.

Tem como acontecer porque o índio existe aí. A área é deles, devemos nós brancos, respeitar a terra dos índios. Agora, as autoridades tinham que ver isto aí de perto, com bastante atenção. Se isso não acontecer, pode acontecer atritos novamente entre o índio e o colono. Se não houver uma consciência profunda dentro das autoridades vai acontecer sempre este atrito.

Penso que o colono tem o direito dele, de estar brigando. O INCRA é que tinha que resolver este problema de imediato. O índio tem o direito dele, mas o colono também tem, isso a gente nunca pode tirar: o direito ao colono que foi entregue a terra para ele, titulada e tudo. O colono tem de ser bem in

* realizada no dia 20/10/1986, em sua casa no Distrito de Boa Vista, município de Ariquemes.

formado, que a área é indígena, que não é fazenda nem mineração. Porque tem essa dúvida se é fazenda, mineração, etc.. O colono tem que botar na cabeça que é uma área indígena e o INCRA resolver o problema. Como eu já tenho falado, é um problema que tem como resolver, existe terra pra resolver o problema de imediato não só de cento e poucos parceleiros, como dos mais de seiscentos do município de Jarú, que também está dentro dessa área. Já havia esse problema e o INCRA pega seiscentos parceleiros e joga aí dentro pra complicar mais. Porque não é só o probleminha de Ariquemes, tem o município de Jarú, também com parceleiros aí dentro. Não são invasores; foi cortado, entregado, cada um tem seu cartão da área pelo INCRA. Isto aconteceu em 1982, já havia tanto atrito com os índios aí dentro, e ainda foi cortar o "Projeto Rio Alto - Gleba Alta Floresta". Isto aí tem mais de seiscentos parceleiros, fora os cento e vinte oito parceleiros do município de Ariquemes.

EGON: Você falava da perspectiva de conseguir terras, muitos milhares de hectares, aqui próximo ao Rio Candéias?

ÁLVARO: Existe como tirar este pessoal e passar pra lá, desde que haja um acordo entre o INCRA e a FUNAI. Estes órgãos deveriam entrar em entendimento e levar este pessoal. Fazer uma nova colônia e ver o que este pessoal tem, até mesmo pagar benfeitorias deles em terra. Tenho certeza que tem como resolver. Agora, se não acontecer isto, pode haver atritos, pois cada dia que passa a gente tá com um problema maior aqui.

EGON: A gente tá em período eleitoral e nestes períodos, em geral, tem se intensificado o interesse de políticos no sentido de ganhar votos, incentivando e jogando colonos, agricultores, Sem Terra, sobre as áreas indígenas. Aqui também tivemos informações que políticos teriam dito pra este pessoal daqui, que a área indígena teria sido liberada. Você sabe alguma coisa sobre isto, e o que você pensa a respeito?

ÁLVARO: Sei que foi um pessoal para Brasília e vieram dizendo que ti-

nham resolvido o problema. Disseram que não havia esta área, que não existia essa área e que o pessoal poderia vir e continuar trabalhando. Só que eu não vi essa determinação, nem vi solução.

EGON: Quem foi este pessoal que foi à Brasília?

ÁLVARO: Foi o pessoal daqui, os colonos mesmo. Foram com o Ministro da Agricultura, disseram que estava resolvido o problema. Parece que o Coronel Godoy, que fez uma entrevista com eles em Brasília, quem afirmou que estava tudo resolvido e que poderiam vir trabalhar, que não tinha problema. Não tenho conhecimento se trouxeram algum papel. O conhecimento é o de que todo colono que foi, chegou dizendo que a área estava liberada, que iriam trabalhar e pronto. Estiveram em Brasília no ano passado. Agora, na força política eu não vi mais nada, o que eu vejo é o pessoal sempre naquelas perguntas: como está a área? a área foi liberada? como vai ficar? e alguns, falando que vai ser liberada. Eu nunca acreditei, porque eu nunca vi a Funai perder.

EGON: Álvaro, você chegou a falar hoje prá nós, que nesta pressão toda, tem ouvido conversas e propostas de pessoal disposto até a ir acabar com os índios, fazer expedições e coisas neste sentido...

ÁLVARO: É o que pode acontecer com tudo isso. O colono quer se vingar do índio, porque se houver uma morte ali, hoje por exemplo, o colono sabe que está derrotado, que tem que sair mesmo. Pode então se vingar encima do índio, talvez até daquele manso que está lá civilizando o outro, pode acontecer isso. Você sabe que o índio quando sai para matar ele não vai escolher qual ele mata. Assim é o branco, prá ele todo índio é a mesma coisa. Pode acontecer, como já aconteceu e tem acontecido nesta área. O pessoal tá teimando, é uma teima que não tem como se defender, o pessoal acha que não tem índio. Existe o índio mas o povo diz que não tem, e inclusive muito amigo meu que nem gosta que eu fale que tem. Mas eu falo que tem porque quem tirou todas as pessoas mortas aí de dentro foi eu, todos, to-

dos foi eu quem tirou! Passou nas minhas mãos, encima do lombo dos meus animais. Eu tinha os animais que trabalhava na fazenda e saia. Eu é quem ia buscar!

Tem o índio sim, agora também há como resolver o problema. Só depende dos dois órgãos se encontrarem, sentar, conversar, que tem como resolver o problema.

O que pode e o que vai acontecer a vida inteira, é que nessa área nunca vai faltar gente invadindo. Isto ali vai ficar cada vez mais sério. Ela é muito perto e as estradas chegarão mais perto. Você veja essa balsa que vai ficar bem pertinho, vai rodar ônibus aí, vão abrir a linha C-10 até na área, a G-5 também, lá pertinho da área indígena... então essa área aí não tem como não ter gente, ela vai ter gente a vida toda. Acho que se pudesse afastar aquele cantinho, pelo menos até o rio Nova Floresta, era uma solução, prá ver se do outro lado não passava invasão. Porque o pessoal da Funai não vai ficar sem invasão aí nunca, pode tirar que vai sempre chegar mais. Colônia demais, o povo chega e não quer saber, acha que o índio se afasta, na ignorância diz que não tem índio, e assim vai. Essa confusão não vai acabar fácil.

À não ser, como estou falando, que se coloque uma divisa no rio Nova Floresta. Ali é uma divisa natural, por água e teria mais dificuldade desse pessoal atravessar o rio para ir do outro lado já sabendo que é uma área indígena. Tinha que ser muito bem cuidado, tinha que fazer uma fronteira, com um bocado de gente vigiando para não deixar entrar. Ou avisar a todo mundo que entrar as consequências que está sujeito. É verdade que já tem gente e derrubada do outro lado do rio, mas seria mais fácil tirar só os de lá e manter uma fiscalização no rio, pois nunca vão construir uma ponte ali.

Agora eu lhe pergunto: o problema de cento e vinte oito parceiros de Ariquemes é pequeno, e os seissentos lá de Jarú, que já está todo mundo derrubando? Tem muito mais benfeitoria do que aqui.

Houveram ataques aos índios, mas saber quantos mataram ninguém

sabe. Os índios já pararam de andar por aqui. Pertinho do Monte Negro, onde hoje é a divisa mataram o Braulínio Ferreira Gomes, foi em 1983, no dia 25 de dezembro, às 5 horas da manhã. Eu fiquei com as filhas dele dois anos aqui dentro de casa. Agora que elas foram lá para Cacoal, para a casa do avô.

Mas em 1983 ninguém foi atrás. Em 1980 que houve muita confusão, quando foi previsto de terem matado aquela criança e o povo saiu aí pelo mato procurando o menino que eles tinham levado, o filho do Chico Prestes.

Em 1983 mataram só o velho e ficaram as duas filhas, uma de 9 anos e outra com 11 anos de idade, saíram sozinhas do mato. Está lá abandonado o lote delas, inclusive a área passou bem abaixo da casa deles, a divisa da Funai é dentro do Monte Negro.

EGON: Outra coisa que estivemos percebendo, é que essas entradas foram para tirar madeira. Aqui tem muitas serrarias, qual o pessoal que está mais implicado com esta questão da madeira?

ÁLVARO: Olhe, as madeiras lá eu não sei nem qual foi a serraria que tirou. Parece que não foi daqui, se não estou enganado foi de Arriquemes, quando fizeram aquela estrada e tiravam madeira. Fez estrada até perto do rio Floresta e tiravam madeira, mas isto foi em 83.

Sabe, o civilizado tem como a gente chegar nele e conversar, acho que todo mundo nesta hora tem que ser civilizado. Na realidade o que eu vejo aí é que o índio está sendo mais civilizado. A pessoa tem que se conscientizar que ele vai ganhar a terra dele noutro lugar. Se o problema dele é a terra, o INCRA tem que resolver o problema dele, como resolveu lá na A.I. Igarapé Lourdes. Aquele pessoal não foi todo colocado no Rio Alto. Então porque não pode pegar e resolver os daqui? O pessoal tá no seu município, não precisa se deslocar de seu município. Só desloca do Jamari para a beira do Candeias. A distância é quase a mesma e o governo pode fazer uma estrada para a chegada do pessoal nos lotes, prá eles trabalhar. Olha bem, ali foi entregue em 1979, ninguém fez nada até hoje, devido ao problema com o índio, ninguém pôde fazer nada. Tem como resolver!

MÁRIO: Álvaro, e os problemas com seringueiros, tem acontecido conflitos? o quê você sabe sobre o Seringal Guarani?

ÁLVARO: O seringal que atingiu a área foi o seringal guarani mesmo. No alto Jamari não sei se tinha seringal, o Jamari fazia parte desse seringal aqui, Santa Cruz. Depois, lá por trás fazia parte do Marechal Rondon, que seria já para o lado do Campo Novo. Frá cá, os outros seringais são o seringal Caravelo, o seringal São Paulo, o São Sebastião, tem aqui atrás a Gleba 26 de Julho, tem o seringal Campo novo onde tinha um confronto lá no Bandeira. O Sr. Bandeira mora em Porto Velho, ouve um confronto lá também com os índios. Agora eu não sei te explicar se é com os Uru-eu-wau-wau.

Em 1980 houve uma morte no Km-80 da 421 e outra lá dentro, inclusive com garimpeiro. Houve a morte do Raimundo, seringueiro também do km-80, e aconteceram mortes por causa do pessoal do Chico Prestes.

Tiveram muitos roubos dos índios, e apareciam na frente dos seringueiros. Por exemplo, o "Coragem", que era um seringueiro que trabalhava comigo na época deparou com eles. Tem um menino que mora aqui, o Domingos, que também encontrou várias vezes com eles. Até 83 os índios apareciam muito, ele até vendeu o lote, porque os índios vinham muito aí perto da casa dele e ele tinha medo dos índios.

O índio Waká teve na minha casa, ele passou uns quatro dias aqui com os Karipuna. O Kanindé eu nunca vi, só tem as notícias aí, notícias quando ele passa, é famoso por sua bravura.

Conselho Indigenista Missionário - RO
Rua Dom Pedro II, 650
Cx. Postal 121 - Fone: (069) 221-9175
CEP 78.900 Porto Velho - RO